

JUSSARA SALAZAR

SOBRE A LUMINOSIDADE PRÉ-RAFAELITA: DOIS EXERCÍCIOS POÉTICOS

OFÉLIA (1851, JOHN EVERETT MILAIS)

(A Rainha Gertrude descreve a morte de Ofélia, *Hamlet*, quinto ato).

Do que tem existência flutuante:

Seguindo a brisa aquática, ninfa como um guarda-chuva aberto sobre o rio, Miss Siddal paira, *tableau vivant*. Seu leito sedoso reluz púrpuras-azuis forrando transparências e guirlandas. A morte, tão suave traspassa-lhe a alma numa leveza intolerável vinda das pequenas luzes alvas que acendem o rio à sua passagem. Seu vestido, feito de águas rendadas, raízes e musgos, e de pequenas, infinitesimais estrelas úmidas. Miss Siddal navega e seu corpo pesado e líquido desmancha-se. *Ah! tens água demais, ó pobre Ofélia! Por isso proibó-me de chorar.*¹

ECCE ANCILLA DOMINI (1849, DANTE GABRIEL ROSSETTI)

Breve fábula apócrifa de Maria:

Era um dia claro e não havia véus no pequeno aposento doméstico que abrigou o milagre da Anunciação. Laudes. O anjo tinha pequenas asas de fogo nos pés e não nas costas. Ardentes, essas asas e as cores incendiavam de modo intenso sua túnica imponderável e graciosa onde o fervor se espalhava pelo chão. Anunciou o pássaro e cantou o lírio, exaltando a alvíssima brancura solar da manhã láctea, vaticinando a celeste boa nova. Aura Virgem ela recuou pensativa sobre o leito. Duidava enquanto uma luz amarela ardia em sua perplexidade permanecendo assim entre seu rosto e o fulgor de seu destino.

¹ Hamlet, ato IV, c. VII.